

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Hoje em Dia

Class.: 26

Data 12/08/83

Pg.:

190 Conjuntura

A Região Amazônica é um grande garimpo

ALBERTO CARLOS LOURENÇO
ECONOMISTA

A Amazônia é um grande garimpo

Por volta do mês de maio, quando as chuvas de verão escasseiam, centenas de cidades e lugares por quase toda a Amazônia voltam a fervilhar. Do sul do Pará aos limites setentrionais de Roraima, do Amapá à fronteira boliviana, de Rondônia, da periferia urbana de Cuiabá ao noroeste do Maranhão, a Amazônia é um grande garimpo.

Todos ainda se recordam das imagens babilônicas de Serra Pelada, onde casos de fortunas surgidas da noite para o dia contrastavam com homens esfarrapados, cobertos de lama, cavando sua sorte sob a disciplina de um campo de concentração. Serra Pelada ainda existe, mas é hoje o retrato da decadência. Onde havia uma montanha existe agora uma cratera sujeita a freqüentes desmoronamentos. Onde 100 mil pessoas batiam recordes sucessivos de produção, hoje 20 mil almas lutam para extrair algum ouro fino da montanha de restos de minério, já trabalhada anos atrás.

Mas o garimpo se alastrou, conquistou status legal na Constituinte e hoje mobiliza diretamente cerca de 600 mil pessoas, trabalhando nas condições mais diversas. São mergulhadores nos afluentes do Rio Tapajós, ou pessoas que escavam a terra firme em Roraima e no sul do Pará. São ex-camponeses pobres trabalhando manualmente no oeste do Maranhão, ou empresários coreanos operando enormes dragas automáticas no leito do Rio Madeira. Alguns extraem ouro em áreas indígenas, pagando royalties sob a bênção da Funai. Outros, em Roraima, invadiram o território dos Yanomani e ameaçam por violência aberta, doenças e corrupção, um dos grupos étnicos mais primitivos e originais da América do Sul. Às vezes, bem-vindo e redentor, às vezes, violento e predatório, essa diversidade tão complexa, é toda ela, o garimpo.

De onde vem?

A pequena extração de ouro na Amazônia data do Séc. XVIII, como em Minas Gerais, e se limitou à região próxima de Cuiabá e ao delta do Rio Gurupi, no Maranhão. Atividade restrita e marginal, o garimpo só adquire maior expressão em 1959, com a descoberta de ouro no médio Rio Tapajós. A região de selva bruta, sem estradas e rios navegáveis, é explorada até hoje com o apoio de pequenos aviões baseados em mais de 400 pequenas e perigosíssimas pistas de pouso. O garimpo de cassiterita existe em Rondônia desde a década de 60 e no sul do Pará desde 1976. Nessa

época começava também a garimpagem submersa do Rio Madeira. Mas é a partir de 1980, com a descoberta de Serra Pelada e do garimpo de Cumaru, no sul do Pará, que se inicia a grande corrida do ouro.

Essa história é repleta de conflitos. A legislação mineral derivada da Constituição de 1967 não era apropriada para regular a exploração da Amazônia. Permitia que grandes empresas nacionais e estrangeiras reservassem para especulação grandes extensões do subsolo, mas não reconhecia o garimpo semimecanizado que já existia. Frequentemente os garimpeiros invadiam áreas "reservadas" pelas empresas, ou território indígena, causando violência e motivando reações empíricas e contraditórias dos órgãos do governo. A dimensão social da atividade impôs que a lei se adaptasse aos fatos. O garimpo é legal atualmente, mas continua incompreendido e gerando novas tensões.

Atualmente o Eldorado é Roraima. E da reserva Yanomani, ao norte do Estado, garimpeiros brasileiros começam a explorar terras da Venezuela.

Para onde vai?

Hoje o garimpo é uma das atividades econômicas mais importantes da Amazônia. Gera uma renda de quase US\$ 2 bilhões ao ano e, principalmente, gera mais de 1 milhão de empregos, para os quais a frágil indústria da região e os latifúndios improdutivos não oferecem alternativa. Vejam que a Zona Franca de Manaus gera apenas 120 mil empregos diretos, e que todo o emprego formal no Estado do Pará beneficia 300 mil pessoas. A ocupação agrícola da Amazônia, como se sabe, resultou em pouca produção e muita devastação. As perspectivas de absorção de mão-de-obra pela agricultura são pessimistas, e pela indústria, modestas.

Governo, políticos e empresários não podem ignorar um fato dessa dimensão. A opinião pública deve ser dissuadida da tentação de um julgamento simplista. Não se trata de gostar ou não. A garimpagem na Amazônia veio para ficar. É preciso entender suas raízes, seu papel para a economia da região, examinar suas entranhas, para então formular políticas que ordenem a atividade e minimizem seus efeitos indesejados. É preciso, sobretudo, prevenir o esgotamento das jazidas para que se evitem explosões de miséria e desemprego.

Afinal, nós mineiros sabemos na carne o que pode restar da glória e opulência. Da febre do ouro costuma-se herdar buracos, dispersão e nostalgia.

O AUTOR É PROFESSOR DA PUC/MG E MEMBRO DO GRUPO DE ESTUDOS DA AMAZÔNIA DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DA UFMG. OS ARTIGOS DOS MEMBROS DO GRUPO SÃO PUBLICADOS AOS SÁBADOS NESTA COLUNA.